

# POR UMA ARTICULAÇÃO CURRICULAR ENTRE FONÉTICA E FONOLOGIA

Teresinha de Moraes BRENNER (UFSC)\*

## 1. Introdução

Procura-se, neste artigo, revisar as implicações universais da complexidade fisiológica do homem, comprometendo a relação *mente x corpo*, na utilização de uma língua em uma cultura particular. O enfoque faculta a interpretação e embasamento da natureza e função de duas ciências – a fonética e a fonologia. A função social da linguagem, sob a perspectiva histórica e cultural, envolvendo a filosofia da linguagem grega, o cartesianismo, o neo-positivismo saussureano e o pensamento marxista de Bakhtin justificam igualmente a inserção dessas duas ciências no processo educacional. Verifica-se sua existência em contextos históricos específicos e postula-se sua interdisciplinaridade. A partir da compreensão da natureza das duas ciências, sugere-se sua inclusão, de forma dinâmica e atualizada, nos currículos dos Cursos de Letras – Graduação e Pós-Graduação, sem alusão aos demais. Recomenda-se sua articulação com todas as disciplinas e diferentes ramos científicos, prevendo o avanço tecnológico e respeitando os princípios inerentes da linguagem e cultura humanas.

## 2. Complexidade fisiológica do homem

As discussões entre empiristas e humanistas sobre a natureza da linguagem envolvendo a relação *corpo e cérebro* remontam aos gregos, são retomadas firmemente pelos filósofos do século XVII e XVIII e representam as bases da lingüística do século XX.

\*tbrenner@cce.ufsc.br; teresinhhab@uol.com.br

Aristóteles distingue o homem do animal pelas funções intelectivas, enfatizando o caráter eminentemente humano da linguagem. Prevê, no entanto, para essa faculdade, um suporte biológico, responsável pela emissão da voz (*phoné*), que constitui atributo essencial mas não exclusivo do homem. Assinala um conjunto de órgãos específicos para sua prolação. Mas entende que a natureza da linguagem se realiza na cultura, ou seja, na função social do homem como animal político. Já distingue a voz da palavra, símbolo portador de significação que não constitui simples *phoné*, mas resultado de atividade realizada pelo espírito. Interpreta os nomes como *símbolos dos estados da alma* (Neves 1987). Não ficam, pois, bem delimitadas as funções orgânicas do cérebro e os atributos do espírito.

Nos séculos XVI e XVII, um *fisicismo*, estratificador de teorias empiristas, passa a ter relevância em contraposição a teorias humanistas até hoje vigentes. A filosofia mecanicista, apoiada na física, concebe a matéria como inerte, se realizando as interações pelo contato de partículas em movimento (Chomsky 1998). Em contraposição, Descartes e seus contemporâneos percebiam o homem como totalmente distinto do animal e dos autômatos pela capacidade criadora da linguagem, enfatizando a faculdade intelectual. Descartavam a explicação mecanicista para a conduta humana, apoiada em termos fisiológicos de reflexos e leis físicas como as de *causa e efeito*. Postulavam, ao contrário, a dualidade *corpo/mente*. Descartes interpretava a *mente* como uma *potência cognitiva* e, ainda, como uma propriedade forjadora de idéias através da imaginação (Chomsky 1966). O conceito de *mente* fica, na época, muito associado ao de *alma* e atributos divinos.

Com o surgimento da lingüística no século XX, o antagonismo histórico da filosofia da linguagem assume nova configuração. O empirismo recebe um grande reforço nos Estados Unidos com o *behaviorismo*, de cunho fisicista e biológico. A teoria humanista re-assume liderança, a partir da década de 50, representada por Noam Chomsky, lingüista americano. Sua teoria *mentalista*, fundada na faculdade criadora da linguagem humana, enfatiza as propriedades fisiológicas do cérebro

com funções específicas, responsáveis pela atividade da linguagem. Faz-se, pois, uma nítida distinção entre o órgão cerebral e os atributos da alma. Recebe, por conseguinte, o cérebro uma função primordial na interpretação do funcionamento da fala humana, passando a problemática da alma a pertencer a uma outra esfera de discussão.

### 3. Função social da linguagem

Para bem compreender a função da linguagem e da fala, impõe-se uma remissão à filosofia grega. Aristóteles, na obra *Política*, enfatiza a função social do homem e o interpreta como um *animal político*, assumindo, nessa área, maior relevância que as abelhas. Aliás, Benveniste, posteriormente, no século XX, retoma o tema, demonstrando o valor da linguagem comunitária desses insetos. Aristóteles defende que o homem como animal político está, por natureza, ligado à capacidade humana criadora da fala. A linguagem existe, assim, para que ele cumpra uma série de valores sociais que o integrem na família e no Estado. Sendo o ser humano um animal racional, sua linguagem implica uma função prática (Neves 1987).

Quanto ao problema da significação, Aristóteles o resolve através da convencionalidade do *símbolo*. Interpreta o nome como símbolo das coisas, constituído pela dualidade de *conceito* e *senal*. Não percebe congruência entre o *conceito* e o *senal* ou entre a *coisa* e o *nome*. Concebe, pois, o *significado* como resultante de processo mental, expressando o que está na *alma* (id.). Em sua teoria, já existe o símbolo e o referente. Nesse sentido, Aristóteles foi um antecipador do pensamento da atualidade.

No início do século XX, Saussure, no seu *Cours de linguistique générale*, 1916, introduz os princípios da lingüística moderna. Analisa a dicotomia *langue x parole*, representando o primeiro membro o *sistema abstrato e genérico* e o segundo, a *fala concreta*. Prioriza o *sistema*, delimitando por um século uma corrente de pesquisa da lingüística ocidental. Aborda, ainda, o conceito de signo lingüístico, entidade convencional constituída

por significante e significado. Define-o, pois, como resultante da união de um conceito e de uma imagem acústica. Enfatiza o caráter psíquico da última. O material fônico que constitui o significante se mostra incorpóreo, valendo pelas relações abstratas contrastivas e diferenciadoras que é capaz de estabelecer. Esse princípio se aplica aos outros elementos materiais da língua. Os fonemas são, pois, concebidos como *entidades opositivas, relativas e negativas*. Esses elementos, embora se disponham um após o outro na linha temporal, não valem por sua qualidade própria, positiva.

Por conseguinte, compreende Saussure (s.d.) também o signo como uma entidade psíquica. Caracteriza-o, conforme alusão supra, pela linearidade de seu significante. Evita a diacronia, inserindo a palavra na sincronia. No processo dicotômico da sincronia, destaca os eixos sintagmático e paradigmático. No primeiro, efetivam-se as relações de encadeamento de caráter linear, situando a frase como o tipo exemplar de *sintagma*, realizado, sobremaneira, na fala. No segundo eixo, ocorrem relações associativas, propiciadoras, entre outras, da comutação fonêmica, fonêmica, fixada como método científico para seleção de fonemas nos diferentes sistemas.

O conceito saussureano de signo lingüístico e princípios a ele interligados embasam e fundamentam a posterior criação da fonologia como ciência, na Escola de Praga, em 1926. Premissas dessa ciência favorecem o estabelecimento de gramáticas de sons das diferentes línguas do mundo. Preceitos universais orientam, pois, a formação de sistemas abstratos particulares.

A introdução do conceito de signo neste trabalho liga-se não somente ao surgimento da fonologia, mas também à compreensão da função sgnica numa cultura. Pode-se entender, através de teorias antagônicas, que o homem ativa sua faculdade psíquica atuando socialmente através da fala. A ênfase a essa última, em detrimento do caráter abstrato da linguagem, foi defendida pela corrente marxista russa, no início do século XX. Destaca-se Bakhtin (1986) que se opõe ao caráter estático da obra de Saussure decorrente da prioridade nela atribuída a *langue* e à *sincronia*, desfavorecendo a *parole*.

Enfoca o filósofo russo o signo como *ideológico*, mutável, inserido na estrutura social. O relacionamento sógnico com o contexto exige, para exemplificar, entonações adequadas para cada situação, o que pode afetar a significação. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico se apresenta sob forma material de som, cor, massa física, etc.. Não se atém, no entanto, ao conceito de fonema. Combate a filosofia idealista e a psicologia da cultura que colocam o ideológico na consciência. Em contraposição, explica a consciência a partir do meio ideológico e social onde o signo adquire consistência organizando-a. A vida interior integra-se na vivência exterior objetiva, que a determina e é capaz de explicá-la. (Bakhtin 1996).

Interpreta a *palavra* como o fenômeno ideológico por excelência, sendo o modo mais puro de relação social. Considera-a como *neutra*, na medida em que não é criada para um campo específico, mas se realiza como elemento flexível, gerado e veiculado pelo corpo humano, capaz de preencher qualquer espécie de função ideológica, desde a científica. Assume, pois, função semiótica da vida interior e da consciência no discurso interior. Defende que, da mesma forma que existe uma relação íntima entre o individual e o social, processa-se um vínculo ideológico entre a infra-estrutura e as superestruturas, constantemente realimentado através do signo lingüístico. A palavra se comporta como veiculadora da ideologia, caracterizada como superestrutura. Enfim, a síntese dialética se refaz sempre entre o psíquico e o ideológico, entre as transformações sociais de base e as superestruturas (*id.ibid.*).

A presente secção permite que se pondere o valor concedido à mente na constituição e funcionalidade do signo lingüístico posto em destaque por este sintético quadro histórico configurado por períodos pertinentes ao tema. Procura, ainda, mostrar que o fonema, desde os gregos, não é interpretado como elemento isolado no sistema, mas como constituinte do signo. Esse, desde que portador de significação, se integra no processo comunicativo. Na teoria aristotélica e na russa, por exemplo, torna-se de suma relevância a inserção sógnica numa *práxis* social e política.

#### 4. Surgimento da fonética e da fonologia

Os conceitos de fonética e de fonologia já se desenvolvem entre os gregos. Na *Poética* de Aristóteles, o autor apresenta as partes da cadeia falada, a partir do fonema até a proposição, inserindo-os no ato da significação (cf. Neves 1987: 76). Na verdade, o estudo gramatical, definido no campo da fonética, se atém aos *elementos* acústicos e articulatórios. Desde os sofistas até os estoicos, não se analisa, entretanto, a produção do som. Focaliza-se a *letra* (*grámma*) como correspondente a um elemento de dicção, sendo às vezes, também chamada de *elemento*. A *grámma* possui uma tríplice dimensão: som (elemento), letra (símbolo gráfico) e nome da letra. O som é, pois, representado pela letra. Não se identifica, no entanto, valor fonético com representação gráfica. Segundo Aristóteles, para ilustrar, os elementos se classificavam em vogal, semivogal e mudo (*id. ibid.* p.123-127).

Por um longo espaço histórico, até o final do século XIX, os estudos se inseriram na área da fonética, sobretudo, fisiológica. Nos períodos de expansão colonial, a pesquisa se enriqueceu nessa área - fato passível de comprovação durante as conquistas portuguesas do século XVI e das inglesas do século XVII.

A *gramática de Port-Royal*, de Arnauld e Lancelot (1992), datada do século XVII, apresenta três breves capítulos distribuídos entre vogais, consoantes e sílabas. O som é, ainda, representado por letra. As consoantes apresentam correspondência no alfabeto latino e *usuais*, no grego e hebraico.

Somente a partir do final do século XIX, com o desenvolvimento dos estudos acústicos, surge o alfabeto fonético internacional, permitindo que se desfaça uma enorme dificuldade na transcrição da fala através do alfabeto pertencente à escrita. *The International Phonetic Assotiation - IPA*, se instala no início do século XX, procurando criar um alfabeto fonético internacional para representar os sons das diferentes línguas do mundo. Suas pesquisas são influenciadas por teorias de Sweet e Bell, do final do século precedente.

Com o surgimento da lingüística moderna, no início do século XX, a Fonologia se inscreve em Praga, em 1926, como ciência estrutural, abstrata, procurando formular gramáticas particulares para todas as línguas do mundo, baseadas em princípios universais. Paralelamente, nos Estados Unidos, aparece a fonêmica. Na obra de Saussure, o objeto da fonética, assim como o da fonologia ainda não são adequadamente formulados. Em Praga, não fica esclarecida com nitidez a relação entre fonética e lingüística, visto que a primeira deve utilizar os métodos das ciências naturais. Somente com o avanço dos estudos na área da acústica, da engenharia e da cibernética, delimitam-se com nitidez os campos das duas ciências - *fonologia e fonética*. O questionamento permanece, no entanto, quanto à inserção da última na área da lingüística.

A grande questão representa, a partir desse momento, o entrosamento entre as duas disciplinas. Foneticistas altamente especializados em acústica abordam a fonética como ciência natural, totalmente desvinculada da ciência lingüística. Por outro lado, vários grupos de fonólogos do mundo inteiro procuraram articular, desde as discussões iniciais, as duas áreas numa interdependência.

Na perspectiva histórica, a fonética fisiológica, conforme alusão acima, se desenvolveu, em Portugal, no século XVI, com os estudos de Fernão de Oliveira, e, na Inglaterra, no século XVII, recebeu relevo com a obra *The philosophical language*, de autoria de John Wilkins. Os autores traçavam quadros classificatórios, de base articulatória, através de pesquisas dos órgãos da fala e do processo de produção do som. (Camara Jr. 1975: 62-66).

O surto das ciências naturais, no século XIX, incrementou os estudos biológicos da linguagem. Na década de trinta, o alemão K. Rapp seguiu a evolução dos sons vocais do grego, latim, gótico e das línguas européias, com base na fisiologia. Czermak, fisiólogo tcheco, utilizou o *laringoscópio* para estudo das cordas vocais e do véu palatino. Alexander Bell escreveu *Fala visível* em que mostra a posição da língua em relação ao palato e os efeitos do arredondamento dos lábios (*id. ibid.*).

Obra fundamental da época intitula-se *Fundamentos da fisiologia bucal*, datada de 1876, de autoria de Eduard Sievers. A renovação consiste na separação entre fonética e fisiologia e na inclusão da primeira no campo da lingüística. A corrente recebeu vários adeptos, entre eles, Paul Passy, francês, Henry Sweet, inglês, Viëtor, alemão e Gonçalves Viana, português (*id.ibid.*)

Rousselot foi o criador da *fonética experimental*. Utilizou o *quimógrafo* que registra o movimento dos órgãos da fala num papel inserido a um cilindro rotativo, bem como fez experiências com o *palato artificial*. Publicou os resultados em *Principes de phonétique expérimentale* (1897-1901). Seus estudos e os de seu discípulo, Maurice Grammont foram relevantes para a fonética e a lingüística nas primeiras décadas do século XX (Câmara Jr. 1975: 156-160).

A fonética experimental trouxe mais progressos na área acústica com gravações de sons e sua representação através de aparelhos especiais. Destacam-se o *oscilógrafo*, que fornece uma linha correspondente à onda sonora, e o *espectógrafo* que registra o som vocal através de uma coloração escura em papel fotográfico. A lingüística procurou incorporar todo o acervo de pesquisas fonéticas (*id.ibid.*).

Na área científica, os estudos de engenharia acústica puderam permanecer isolados. Muitos outros, entretanto, necessitaram de lingüistas para trabalhar com máquinas sintetizadoras do som, introduzindo nelas a fala humana. São, ainda, máquinas muito rudimentares, de complicada montagem, facultando, entretanto, uma série de serviços sociais. Por outro lado, laboratórios de fonética passaram a requisitar colaboradores de outras áreas visando à análise e síntese do som. A questão da fala das máquinas e dos autômatos já tinha sido altamente discutida pelo cartesianismo francês do século XVII, que no estudo da filosofia da linguagem, se atinha à distinção entre a natureza da fala humana, da fala do animal e da fala dos autômatos.

O avanço das ciências contribuiu para o questionamento sobre problemas da filosofia da linguagem, delimitação de campos e metodologia científicos e co-articulação entre diferentes áreas. Neste trabalho, importa o entrelaçamento entre fonética e fonologia.

## 5. Relação entre os componentes gramaticais

Perseguindo a linha grega e o cartesianismo francês do século XVII, Noam Chomsky, nos meados do século XX, retoma a questão da filosofia da linguagem referente à diferença entre a linguagem humana, animal e a das máquinas. Concebe a linguagem do homem comum como inata e distinta da do animal pela capacidade criativa. Julga-a como articulada com outras faculdades intelectivas, como razão e vontade, situando sua sede no cérebro. Interpreta-as, pois, como resultantes de função fisiológica cerebral. A linguagem é vista comõ regida por princípios universais, constituindo o *estado inicial*, a estrutura profunda das línguas, realizada em diferentes estruturas superficiais, que são as diversas línguas do mundo.

Cria-se, assim, a *gramática gerativo-transformacional*, de cunho mentalista, que divide a capacidade gramatical humana numa dualidade: *competência* (gramática internalizada) x *desempenho* (atuação no contexto). O homem organiza sua gramática interna pelo desenvolvimento orgânico, concomitante com um constante contato com o contexto.

Importa aqui a gramática formal, explícita interpretada como modelo da lógica, estabelecendo uma interdisciplinaridade com todos os ramos da ciência, especialmente com a matemática. Conseqüentemente, ela se estrutura como um todo orgânico cujos *componentes* se comportam como entrelaçados. A base, localizada na estrutura profunda, é de ordem sintática. Seus elementos interagem no componente semântico, fornecendo uma interpretação semântica e, por fim, no fonológico, abstrato, tornando-se sujeitos às regras fonológicas. Na estrutura de superfície, facultam uma leitura fonética. O componente fonológico estabelece um elo entre as estruturas abstratas geradas pela base e a forma concreta da frase. Penetra igualmente no léxico onde recebe informações relativas aos processos fonológicos.

As relações entre fonética e fonologia se formulam com mais clareza na obra *The sound pattern of english*, 1968, que Chomsky assina em co-autoria com Morris Halle. Chomsky limitou-se à sintaxe frasal, mas

alguns de seus seguidores inseriram sua gramática no âmbito do discurso e da pragmática. Entenderam que o discurso nada mais é do que uma longa frase inserida num contexto lingüístico e cultural. Conseqüentemente, alargaram as perspectivas para os estudos no campo da prosódia.

As obras estruturalistas americanas, de cunho empirista, a partir da década de 30, também postulam um entrosamento entre os componentes gramaticais. Trabalham, sobretudo, com a fonética/fonologia/morfologia. Partem, portanto, do elemento mínimo da frase, inserindo-o em unidades hierarquicamente superiores. O processo possui implicações mecanicistas.

Verifica-se, portanto, que a relação componencial da gramática ocorre em todo o estruturalismo do século XX. Importa salientar que a *gramática*, seja internalizada pelo falante, seja formalizada pelo lingüista, representa um todo orgânico cujos *componentes* só podem ser concebidos num processo integrador – gerativismo chomskiano. A tese da unidade estrutural da gramática pertence, contudo, conforme o aludido, também à filosofia empirista, embora essa quebre muitas vezes o preceito ao trabalhar com a fonética isoladamente da semântica.

## 6. O homem como *ser falante*

Ao postular-se o homem *como uma caixinha falante*, formula-se uma proposição sob a perspectiva fisiológica, biológica e física, incluindo ou não a teoria mentalista e a possível prescrutação filosófico/teológica sobre a origem e a natureza da vida humana e da alma.

O enfoque aqui adotado atém-se, para fins práticos, a uma visão sobretudo mecânico/física do funcionamento do cérebro e do corpo humano excluindo a questão anímica da natureza da linguagem humana, quase nunca descartada pelos cartesianos do século XVII. Mesmo entre os gregos, como Aristóteles, que consideram o homem como um animal biológico e político, o problema da significação remete sempre ao confronto entre o conceito que está no som e o *conceito que está na alma*.

A fala humana, alimentada por capacidades intelectivas como criatividade, razão e vontade, possui um mecanismo biológico e físico que sustenta seu funcionamento. Considerando a faculdade da linguagem inata ou não, isto é, aceitando ou não a teoria de que a fala humana, por natureza, é dotada de um suporte biológico com base cerebral, como qualquer outro órgão como a audição, impõe-se a compreensão de seu funcionamento na complexidade integral do ser humano.

Seria redondante afirmar que o homem não possui um órgão específico para a fala. O sistema fonatório necessita da contribuição do aparelho respiratório (pulmões, brônquios, traquéia, cavidade nasal), da laringe, com função de produção da sonoridade, de órgãos pertencentes aos sistemas digestivo e respiratório (faringe, boca). Está relacionado à digestão que nutre a corrente sangüínea, que, por sua vez, re-alimenta as células do cérebro e do sistema nervoso central.

Na verdade, o som da fala se produz no ato expiratório. Para a sua devida articulação, faz-se necessária, seguindo o exposto, a atividade concatenada de vários órgãos regidos por comandos específicos do cérebro, incluindo o sistema nervoso central e periférico.

Em conformidade com o decorrer da explanação, a fala se produz num contexto não apenas lingüístico, mas cultural. Volta-se à questão da significação: o som inserido no signo lingüístico. Nesse quadro, assumem relevância as funções cerebrais interligadas: memória, atenção, inteligência, razão, criatividade, etc. O processo implica a capacidade do homem de organização de uma gramática interna, que acompanha seu ciclo vital, faculdade essa facilmente corroborada na fase de aquisição da língua pela criança. O ser humano, *uma caixinha sonora*, para emitir uma palavra ou uma frase de sua língua, necessita, portanto, executar um mecanismo fisiológico e biológico de natureza universal, mas restrito a parâmetros contextuais e culturais. E, para os que acreditam em Deus e na alma, precisa, ainda, desenvolver as potencialidades anímicas.

O estudo pertence à área da *fonética articulatória ou fisiológica*. Nesse campo, podem ser acrescentados os tratados da fonética auditiva que se ocupam do processo da audição envolvendo a recepção do som pelo

cérebro Para maior especialização, não se questiona a necessidade de busca de resultados de pesquisas da área médica. Impõe-se, ainda, uma tecnologia específica para a montagem de um bom laboratório. Os mais em voga se situam na área da articulação do som.

O resultado da fala, a frase ou discurso, ou o som isolado como matéria fônica, merece análise física ou acústica adequada. A fonética acústica ocupa-se dessa abordagem. A especialização necessária pressupõe a contribuição de várias áreas - informática, robótica, engenharia, etc. Programas sofisticados reproduzem, em computadores, a onda sonora sob forma de espectogramas, sonogramas etc. O avanço tecnológico permite, ainda, a produção da fala por máquinas sintetizadoras do som. Para fazer uma máquina falar, é fundamental a participação de lingüistas, fonólogos e foneticistas, facultando a estruturação de uma gramática, bem como a atuação de uma tecnologia especializada que ponha tal engenho a funcionar. Os laboratórios nessa área, no mundo inteiro, ainda são pouco produtivos.

## 7. Currículo integrado

Nesse ponto da discussão, em termos de considerações finais, parece irrelevante o questionamento da postulação de um currículo articulado, para o atendimento das áreas *fonética e fonologia*, como ramos da lingüística, ou seja, como disciplinas do núcleo básico do Curso de Letras - Graduação e Pós-Graduação. O estudo fisiológico e físico da fala é a organização da gramática dos sons constituem áreas afins. Para introduzir um som numa gramática particular, faz-se necessária sua caracterização articulatória, bem como a análise de suas propriedades acústicas.

Estudos específicos de fonética e fonologia podem contribuir para pesquisas de áreas aproximadas, como psicolingüística, sociolingüística, lingüística computacional, dialetologia, filologia, línguas indígenas, fono-audiologia, lingüística aplicada ao ensino das línguas maternas e estrangeiras, pesquisas forenses, entre outras.

A secção anterior formula a premissa de integração da fonética e da fonologia não apenas com disciplinas da área da lingüística, mas, sobretudo, com outros setores e departamentos da universidade como geradora de conhecimento científico. Mencionou-se, acima, para ilustrar, a importância de entrelaçamento com a engenharia mecânica e acústica e com a informática na montagem de programas laboratoriais.

Para uma melhor compreensão das implicações do mecanismo fisiológico do corpo humano como gerador do som da fala, propôs-se, neste trabalho, uma breve revisão histórica nas áreas da filosofia da linguagem e da lingüística. Assim, remete-se, inicialmente, aos gregos, que fazem apelo a uma filosofia da linguagem e a uma teoria da significação. O som é interpretado por essa civilização no símbolo, com finalidade prática e função social no Estado. No século XX, os russos, similarmente, percebem-no apenas no signo ideológico que se faz atuante no monólogo interior do fluxo da consciência e na comunicação social, estabelecendo uma conexão entre as infra e macro-estruturas. Finalmente, o grupo de lingüistas da Europa Ocidental, liderado por Saussure, o concebe numa gramática abstrata, na dicotomia *langue/parole*. Conclui-se, pelo exposto, que a fala possuiu sempre função social de comunicação, integrando-se, nos estudos mais atuais, na área do discurso.

A articulação curricular defendida deriva, pois, da compreensão da natureza e funcionamento do fisiologismo do homem que comprometem suas funções sociais. Resulta, ainda, da observância da natureza da língua, ou seja, da estruturação e entrosamento dos componentes de toda e qualquer gramática. Em resumo, os critérios aqui adotados apóiam-se na filosofia da linguagem, na história da ciência - fonética e fonologia - e no caráter científico da lingüística.

Está-se defendendo, evidentemente, uma qualificação na área com uma revisão curricular, o que exige uma demanda de material técnico, e, sobretudo, uma seleção de especialistas. Não se pretende avançar neste momento nas dificuldades de implantação de novos programas. Enfim, não se debatem os impedimentos que entravam o processo científico nas universidades.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1986.
- BRENNER, Teresinha de Moraes. *Interface entre fonética e fonologia: variação dialetal*. Santiago do Chile, Comunicação apresentada no XII Congresso Internacional da ALFAL. 1999.
- \_\_\_\_\_. *Mass mídia y educación de masa en América Latina: política de enseñanza de la lengua materna*. México, Vera Humanitas, v. XXII (33): p. 11-30, 2002.
- CAMARA Jr.. *História da lingüística*. Petrópolis, Vozes. 1975.
- CHOMSKY, Noam *Lingüística cartesiana*. Madrid, Gredos. 1966.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e mente*. Brasília, Ed. Univ. Brasília. 1998.
- ARNAULD & LANCELOT . *Gramática de Port-Royal*. São Paulo, Martins Fontes. 1992.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo, Hucitec / Brasília, Ed. Univ. Brasília. 1987.
- OLIVEIRA, Sidneya & BRENNER, Teresinha de Moraes *Introdução à fonética e à fonologia da língua portuguesa*. Florianópolis, Ed. do Autor. 1988.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de lingüística geral*. São Paulo, Cultrix. (s.d.)